

A REPERCUSSÃO MIDIÁTICA DOS ÓBITOS DE PROFISSIONAIS DE ENFERMAGEM POR COVID-19 NO BRASIL

Neyson Pinheiro Freire¹ (<https://orcid.org/0000-0002-9038-9974>)

Luciano Garcia Lourenção² (<https://orcid.org/0000-0002-1240-4702>)

¹Escola Paulista de Enfermagem, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil.

²Escola de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande, Rio Grande, RS, Brasil.

Conflitos de interesse: nada a declarar

Autor correspondente: Neyson Pinheiro Freire | E-mail: neysonfreire@gmail.com

Como citar:

Freire NP, Lourenção LG. A repercussão midiática dos óbitos de profissionais de enfermagem por COVID-19 no Brasil [editorial]. *Enferm Foco*. 2021;12(6):1060-2.

DOI: <https://doi.org/10.21675/2357-707X.2021.v12.n6.6404>

A pandemia de COVID-19, doença causada pelo vírus Sars-CoV-2 colocou os profissionais de Enfermagem em evidência, tanto pela determinação e coragem desses atores sociais frente aos riscos da linha de frente, quanto pela alta taxa de letalidade da doença entre esses trabalhadores.⁽¹⁾ Se antes prevalecia a invisibilização, passou a ser regra a superexposição dos desafios e da realidade enfrentada por quem faz os sistemas de saúde funcionarem. Reportagens sobre o exemplo de vida e de morte dessas pessoas se tornaram cotidianas, nos grandes veículos de comunicação e levaram à elaboração de uma espécie de empatia, solidariedade e de luto coletivo no seio da sociedade, em relação a esses protagonistas.⁽²⁾

A construção desses personagens jornalísticos, pela grande mídia, foi expressada pela exploração de elos familiares, de amizade e de trabalho, por meio de metanarrativas que simbolizam a heroização de profissionais sacrificados pelo vírus.⁽²⁾ De início, as reportagens deixaram patentes a personalidade, o medo e a insegurança de trabalhadores expostos e sem garantias mínimas, frente à possibilidade de perder a vida a qualquer momento e deixar a família desamparada.⁽³⁾ Entretanto, o volume de óbitos por COVID-19 se tornou exponencial ao longo de dois anos de pandemia. Com isso, a cobertura jornalística se massificou e se desumanizou ao longo do tempo, reduzindo essa tragédia a números e fotos em miniatura.⁽²⁾

No Brasil, o Conselho Federal de Enfermagem (Cofen) contabiliza o número de profissionais mortos pela COVID-19 desde o início da pandemia. Segundo dados, até 20 de março de 2022, foram registradas 872 mortes de profissionais de enfermagem em todo o país.⁽⁴⁾

Como se pode notar, a disponibilidade e a indisponibilidade de dados e informações oficiais sobre óbitos de trabalhadores da saúde por COVID-19 se refletiu na cobertura da imprensa, que restou concentrada em apenas duas categorias (médicos e profissionais de enfermagem),^(2,5) que conseguiram sistematizar essa contabilidade de forma adequada e confiável.

Nesse sentido, a experiência do Cofen mostra que a utilização de observatórios para monitorar e avaliar situações de trabalho é um bom mecanismo de alimentação da imprensa, com informações oficiais, seguras e confiáveis sobre óbitos de profissionais em serviço.⁽⁶⁾ Aliás, o Observatório da Enfermagem é um projeto ino-

vador. A maioria dos países desenvolvidos, a exemplo dos Estados Unidos, não contam com um banco de dados dessa magnitude. O Brasil é o único país do mundo que monitorou, em tempo real, e documentou com precisão, detalhes e eficiência as mortes de profissionais de enfermagem por COVID-19. Naturalmente, a riqueza das informações e conhecimentos acumulados nesta plataforma é extremamente útil para entender a situação atual e serão ainda mais importantes para a compreensão das futuras consequências devastadoras dessa doença, além de servir como preparação para outras pandemias que estão no horizonte.⁽⁷⁾

Notadamente, essas fontes são importantes para o jornalismo e para a história, além de relevantes para a compreensão da gravidade do presente. Isso resta claro a partir da análise de 154 textos jornalísticos sobre essa temática. Nesses textos, 33% dos personagens das matérias jornalísticas sobre óbitos de trabalhadores causados pela COVID-19, no Brasil, são médicos e profissionais de enfermagem, considerando todas as profissões.⁽²⁾

Uma pesquisa sobre 136 reportagens relacionadas à atuação da equipe de saúde na pandemia da COVID-19 no Brasil, veiculadas por grandes veículos de comunicação, entre 16 de março e 31 de maio de 2020, confirma o predomínio de abordagens sobre a letalidade da infecção entre trabalhadores da linha de frente. Este estudo apontou que 17,7% das matérias falavam do protagonismo político e profissional da categoria; 23,5% tratavam sobre condições de trabalho desses profissionais; e 58,8% abordou a vulnerabilidade, adoecimento e morte de profissionais de saúde por COVID-19. Símbolo de uma sociedade hiperconectada, a *internet* responde por 66,2% do conteúdo analisado, os telejornais por 25% e as rádios, por 7,4%.⁽⁸⁾

Ao traçar uma linha do tempo da cobertura jornalística sobre esses fatos, percebe-se que as reportagens inicialmente abordaram denúncias sobre falta ou escassez de equipamentos de proteção. Foi um verdadeiro drama para as equipes de saúde lidar com um vírus desconhecido, sem a disponibilidade de máscaras adequadas e suficientes para trabalhar. Em seguida, predominaram conteúdos a respeito do avanço da pandemia sobre profissionais de enfermagem e, conseqüentemente, houve uma densa cobertura sobre o alto número de mortes desses trabalhadores, tanto na imprensa nacional quanto na mídia internacional. Como par-

te do roteiro, a falta de empatia com quem se encontrava nessas condições tornou o Brasil um pária mundial no enfrentamento à pandemia da COVID-19. O país figurou marcado pelo negacionismo científico e pela banalização das mortes.⁽⁶⁾

Levantamento do Conselho Internacional de Enfermeiros, publicado em 6 de maio de 2020, com base em 30 países e amplo impacto na imprensa, indica que 6% de todos os casos de COVID-19 que ocorreram até essa data foram entre profissionais de saúde. Esse percentual elevado de infecções se seguiu à falta de equipamentos de proteção individual, aumento da jornada de trabalho, cansaço, estresse e negligência com medidas de segurança, tópicos essencialmente presentes nos editoriais e obituários.⁽⁹⁾ Esses episódios estão registrados no jornalismo e na história, como rastro da alta mortalidade que acometeu o Brasil.

A enfermagem representa aproximadamente 59% da força de trabalho da saúde mundial.⁽⁶⁾ No Brasil, a equipe de enfermagem corresponde a 70,02% dos recursos humanos na área da saúde.⁽⁷⁾

A imprensa tem explorado cotidianamente dados sobre a letalidade dos profissionais de enfermagem pelo novo coronavírus. O Brasil responde por um terço das mortes de profissionais de enfermagem por COVID-19 no mundo^(9,10) e essa notícia tem especial repercussão, inclusive na grande mídia internacional.⁽¹¹⁾ Esses fatores explicam a divisão, na imprensa, do protagonismo da enfermagem com os médicos, que antes detinham exclusividade na atenção da mídia.

No romance *A Peste*, publicado em 1947, o escritor Albert Camus conta a história de uma pequena cidade abalada pela chegada de uma pandemia letal, destacando o negacionismo e a hesitação das autoridades diante da gravidade da situação, o medo e a desinformação que se alastram junto à doença.⁽¹²⁾ Passados 70 anos, a análise da cobertura jornalística sobre a pandemia da COVID-19 no Brasil mostra que a realidade se identifica com a ficção de Camus e esses tópicos permearam as matérias sobre a pandemia da Covid-19 no Brasil.⁽¹³⁾

Mas as atividades da mídia brasileira foram além da cobertura sobre o que acontecia na linha de frente. O setor atuou proativamente diante do ambiente de contradição que se instalou no país, marcado pela falta de entendimento, coesão, coerência e estratégia entre o governo federal, os governos estaduais e municipais,

as autoridades sanitárias e os líderes políticos. Inclusive, diante da ameaça de apagão dos dados públicos sobre os óbitos causados pela doença no país, diversos veículos de imprensa formaram um consórcio, para realizar a contagem e a reportagem própria dos casos.⁽¹⁴⁾ Essa medida foi determinante para que a população devesse o domínio do fato e entendesse a gravidade do problema.

De acordo com a pesquisa *Condições de Trabalho dos Profissionais de Saúde no Contexto da Covid-19*, realizada pela Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz), a pandemia alterou significativamente a vida de 95% dos profissionais de saúde.⁽¹⁵⁾ Na maioria absoluta dos casos, mudou para pior, tanto que a morte passou a ser uma ameaça constante. Em suma, os resultados indicam que 40% dos profissionais já viveu algum tipo de violência no ambiente de trabalho; 18% relataram medo generalizado de se contaminar no trabalho; 15,8% sofrem com perturbação do sono; 13,6% relatam irritabilidade/choro frequente; 11,7% referem incapacidade de relaxar/estresse; 9,1% tem perda de satisfação na carreira ou na vida/tristeza/apatia; e 8,3% está com sensação negativa do futuro/pensamento negativo/suicida.⁽¹⁵⁾ Inconfundivelmente, são fatores de morte.

Como a desinformação também é um fator de morte preponderante em tempos de pandemia, importante destacar que a mesma pesquisa da Fiocruz, amplamente difundida pela mídia,⁽¹⁴⁾ indica que, para mais de 90% dos profissionais de saúde, as notícias falsas são um obstáculo no combate ao novo coronavírus e 76% declarou já ter atendido paciente que expressou crença em *fake news* sobre vacinas, curas milagrosas, medicamentos ineficazes. Para mais de 70% desses trabalhadores, os posicionamentos das autoridades têm sido pouco consistentes e esclarecedores nesse sentido.⁽¹⁵⁾

Concretamente, ainda que persista a tentativa de ocultar informações sobre sequelas e óbitos por parte dos governos, a liberdade de imprensa assegura a atualização diária de dados oficiais sobre a pandemia, sobretudo o número de brasileiros que morreram em decorrência da doença, com recortes pontuais sobre os óbitos de profissionais de saúde. Inclusive, em abril de 2021, os editoriais apontavam a redução do número de mortes de profissionais de saúde como indicativo do efeito positivo das vacinas e do arrefecimento da pandemia. Não obstante, as mortes continuam a ser o carro-chefe do jornalismo brasileiro.

REFERÊNCIAS

1. Lopes R. Brasil perde ao menos um profissional de saúde a cada 19 horas para a COVID. São Paulo: Folha de São Paulo; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/2021/03/brasil-perde-ao-menos-um-profissional-de-saude-a-cada-19-horas-para-a-covid.shtml>
2. Aguiar S. Memoriais on-line às vítimas da Covid-19 no Brasil: narrativas sensíveis à dor alheia. Estudos J Mídia. 2021;18(1): 11-24.
3. Teixeira EG, Machado MH, Freire NP. Luto pelos profissionais de saúde. Rio de Janeiro: O Globo; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/opiniaopost/luto-pelos-profissionais-de-saude.html>
4. Conselho Federal de Enfermagem (COFEN). Observatório da Enfermagem. Brasília (DF): COFEN; 2022 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <http://observatoriodaenfermagem.cofen.gov.br/>
5. Pellegrini A. Profissionais de saúde: a agonia em meio a recordes de mortes. São Paulo: Nexo Jornal; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://www.nexojornal.com.br/expresso/2021/03/03/Profissionais-de-sa%C3%BAde-a-agonia-em-meio-a-recordes-de-mortes>
6. Persegona MF, Pires RA, Medeiros GG, Pinheiro FA, Lopes M, Nascimento Junior A, et al. Observatório da Enfermagem: ferramenta de monitoramento da COVID-19 em profissionais de enfermagem. Enferm Foco. 2020;11(2):6-11.
7. David HM, Rafael RM, Alves MG, Breda KL, Faria MG, Neto M, et al. Infection and mortality of nursing personnel in Brazil from COVID-19: A cross-sectional study. Int J Nurs Stud. 2021;124:104089.
8. Freire NP, Castro DA, Fagundes MC, Ximenes Neto FR, Cunha IC, Silva MC. Notícias sobre a Enfermagem Brasileira na pandemia da COVID-19. Acta Paul Enferm. 2021;34:eAPE02273.

9. Alessi G. Brasil responde por um terço das mortes globais entre profissionais de enfermagem por COVID-19. Madri: El País; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-01-08/brasil-responde-por-um-terco-das-mortes-globais-entre-profissionais-de-enfermagem-por-covid-19.html>
10. Estúdio Folha. Uma triste liderança. São Paulo: Folha de São Paulo; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://estudio.folha.uol.com.br/cofen-perigosdacovid/2020/05/1988718-uma-triste-lideranca.shtml>
11. Bloomberg. Covid-19 is killing nurses in Brazil more than anywhere else. Nova York: Bloomberg; 2020 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://www.bloomberg.com/news/articles/2020-05-21/covid-19-is-killing-nurses-in-brazil-more-than-anywhere-else>
12. Camus A. A Peste. 25a ed. Rio de Janeiro: Editora Record; 2019.
13. Pereira NB, Monteiro P, Bonifácio SA. Inumeráveis: as características do webjornalismo no obituário contemporâneo. In: Jornalismo em tempos de pandemia: reconfigurações na TV e na internet. João Pessoa: Editora UFPB; 2020. p. 14-46.
14. Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji). Ação colaborativa une veículos para evitar apagão de dados sobre pandemia. São Paulo: Abraji; 2020 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://www.abraji.org.br/noticias/acao-colaborativa-une-veiculos-para-evitar-apagao-de-dados-sobre-pandemia>
15. Leonel F. Pesquisa analisa o impacto da pandemia entre profissionais de saúde. Brasília (DF): Fundação Oswaldo Cruz; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/pesquisa-analisa-o-impacto-da-pandemia-entre-profissionais-de-saude>
16. Fantástico. Choro, medo e exaustão: pesquisa inédita revela o colapso dos profissionais de saúde. Rio de Janeiro: Globo; 2021 [citado 2022 Mar 20]. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9369197/>